

O USO DE ENTREVISTA, OBSERVAÇÃO E VIDEOGRAVAÇÃO EM PESQUISA QUALITATIVA

Renata Aparecida Belei
Sandra Regina Gimenez-Paschoal
Edinalva Neves Nascimento
Patrícia Helena Vivan Ribeiro Matsumoto

Resumo

Trata-se de uma revisão de literatura sobre uso de entrevista, observação e videogravação (filmagem) na coleta de dados em pesquisa qualitativa, detalhando-se o caminho percorrido na utilização destas três técnicas. Foram pesquisados artigos com os termos “entrevista”, “filmagem”, “observação” e “métodos de coleta de dados” disponíveis *on line* nas bases de dados MEDLINE, LILACS e BIREME, no período de 1977 a 2005, e acervo bibliográfico. Após análise do material selecionado, concluiu-se que a utilização destas três técnicas, de forma complementar, pode nortear o método utilizado pelos pesquisadores na coleta de dados.

Palavras-chave: Pesquisa qualitativa, Entrevista, Observação, Videogravação.

THE USE OF INTERVIEW, OBSERVATION AND VIDEO RECORDING IN QUALITATIVE RESEARCH

Abstract

This paper is a literature review of the use of interviews, observation and video recording (filming) to collect data for a qualitative research, and gives details about how these three techniques were applied. We looked for papers with the terms “interview”, “observation”, “filming” and “data collection methods” available *on line* in the databases MEDLINE, LILACS and BIREME, from 1977 to 2005, and in the bibliographical catalog. After having analyzed the material, we concluded that the use of these three techniques, in a complementary manner, could guide the method researchers use for data collection.

Key words: Qualitative Research, Interview, Observation, Video recording.

Introdução

Esse artigo de revisão trata sobre o uso de entrevista, observação e videogravação (filmagem) em pesquisa qualitativa. Embora ele não responda todas as questões sobre métodos de coleta de dados, contribui para o avanço no debate sobre o uso complementar de estratégias e auxilia no melhor entendimento da realidade estudada.

A maioria das pesquisas em educação ou qualitativas utiliza apenas palavras e números captados por meio de entrevistas, mas é questionado se este método deve ser visualizado como a única possibilidade.

Desde 1990, a pesquisa educacional passou a indagar sobre temas e aspectos relacionados à cultura visual e educacional, o que reforçou o impacto do uso de filmes, televisão e anúncios na transformação do conhecimento (FISCHMAN, 2004).

As imagens passaram a fazer parte da vida cotidiana e adentraram também na vida acadêmica, modificando a maneira de ensinar e de aprender. Com as imagens, os fatos e as informações tornaram-se mais atrativos, tirando-se o foco da palavra escrita, do texto.

O uso de entrevista

Duarte (2004) afirma que, embora não haja obrigatoriedade do uso de entrevistas em pesquisa qualitativa, ela ainda é muito requisitada.

A sua utilização requer, no entanto, planejamento prévio e manutenção do componente ético, desde a escolha do participante, do entrevistador, do local, do modo ou mesmo do momento para sua realização (BICUDO, 2006).

Pesquisas com uso de entrevista envolvem necessariamente seres humanos. Desta forma, o projeto precisa ser encaminhado previamente para análise e parecer de um Comitê de Ética em Pesquisa e estar de acordo com o roteiro preconizado pelo Ministério da Saúde, Conselho Nacional de Saúde e Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (BRASIL, 1997).

A proposta do trabalho tem que atender as exigências éticas e científicas, implicando em autonomia, beneficência, não maleficência, justiça e equidade aos participantes (HOSSNE, 1999, COZBY, 2003). Orientar os entrevistados sobre o objetivo das informações coletadas, o direito ao sigilo profissional e a interrupção da entrevista. Somente ao

término destas orientações e após o livre consentimento e autorização expressa (FALCÃO; TÊNIES, 2000) é que as entrevistas são iniciadas.

Segundo Manzini (2004) existem três tipos de entrevistas: estruturada, semi-estruturada e não-estruturada. Entende-se por entrevista estruturada aquela que contém perguntas fechadas, semelhantes a formulários, sem apresentar flexibilidade; semi-estruturada a direcionada por um roteiro previamente elaborado, composto geralmente por questões abertas; não-estruturada aquela que oferece ampla liberdade na formulação de perguntas e na intervenção da fala do entrevistado.

Um dos modelos mais utilizados é o da entrevista semi-estruturada, guiada pelo roteiro de questões, o qual permite uma organização flexível e ampliação dos questionamentos à medida que as informações vão sendo fornecidas pelo entrevistado (FUJISAWA, 2000).

Para a elaboração e adequação do roteiro de entrevista considera-se a vivência do pesquisador, a literatura sobre o tema em estudo, a apreciação de juizes e as informações obtidas no pré-teste.

Os juizes são geralmente pessoas envolvidas em pesquisas, capacitadas na avaliação e ajuste do roteiro. Seu papel fundamental é indicar se os termos utilizados são compreensíveis e adequados à população a que se destina, se há questões que geram dificuldade de interpretação, se o instrumento favorece o envolvimento do entrevistado na resposta das questões e se atinge o objetivo proposto.

Para Triviños (1987), Manzini (1991), Rea e Parker (2000) o pré-teste, ou estudo piloto, também permite verificar a estrutura e a clareza do roteiro, por meio de uma entrevista preliminar com pessoas que possuam características semelhantes a da população alvo.

É indicado o uso de gravador na realização de entrevistas para que seja ampliado o poder de registro e captação de elementos de comunicação de extrema importância, pausas de reflexão, dúvidas ou entonação da voz, aprimorando a compreensão da narrativa (SCHRAIBER, 1995).

Autores como Patton (1990) e Rojas (1999) concordam com esta indicação, pois o gravador preserva o conteúdo original e aumenta a acurácia dos dados coletados. Registra palavras, silêncios, vacilações e mudanças no tom de voz, além de permitir maior atenção ao entrevistado. No entanto, antes da gravação, ressaltam a importância do domínio desta tecnologia, sugerindo o teste da bateria, do volume e do funcionamento do aparelho. A aquisição antecipada das fitas cassete e

numeração de sua seqüência, assim como a identificação de locais livres de ruídos e de interrupções também são cuidados importantes.

Um bom entrevistador é aquele que sabe ouvir, mas ouvir de forma ativa, demonstrando ao entrevistado que está interessado em sua fala, em suas emoções, realizando novos questionamentos, confirmando com gestos que o ouve atentamente e que quer compreender suas palavras, mas sem influenciar seu discurso. Ele aprofunda o relato do participante e mostra atenção sobre detalhes importantes.

Além de ouvir, o pesquisador precisa ficar atento às expressões utilizadas pelo entrevistado, pois ele pode simular palavras e conceitos que não são utilizados no seu dia a dia, tentando mostrar aquilo que ele acha que o entrevistador quer ouvir. É por isto que nem tudo deve ser entendido como verdade, mas pode e deve ser analisado frente aos demais discursos e conceitos que embasam o trabalho (MAGNANI, 1986).

Terminada a entrevista o pesquisador agradece o recebimento das informações e se coloca à disposição para esclarecimento de dúvidas ou recebimento de sugestões. Posteriormente realiza a transcrição, de preferência em ambiente silencioso e distante da circulação de outras pessoas.

É aconselhável que a transcrição seja realizada pelo próprio pesquisador. Ele ouve várias vezes cada fita e escreve tudo, inclusive pausas e mudanças de entonação de voz, além de sinalizadores de interrogação, silabação e outras variações ocorridas na entrevista (PRETTI; URBANO, 1988). Se por acaso a transcrição for delegada a colaboradores, sugere-se a supervisão direta do autor da pesquisa.

Deve-se analisar o material transcrito, as palavras e comportamentos não-verbais, como risos, choros, diferenças na entonação da voz, gestos que foram registrados, etc. As expressões e erros gramaticais devem ser eliminados na transcrição, para que não haja constrangimento do entrevistado, caso seja necessário lhe apresentar o texto para apreciação (LAGE, 2001).

Após a transcrição das informações, inicia-se a análise dos dados. A forma de tratamento mais utilizada é a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1995). Consiste na leitura detalhada de todo o material transcrito, na identificação de palavras e conjuntos de palavras que tenham sentido para a pesquisa, assim como na classificação em categorias ou temas que tenham semelhança quanto ao critério sintático ou semântico (OLIVEIRA et al, 2003).

As classificações e os recortes dos relatos que as originaram são encaminhadas a juízes para o cálculo de concordância, ou seja, para verificação da fidedignidade da categorização realizada pelo pesquisador, o que pode evitar possíveis vieses. Segundo Fagundes (1999), esta categorização é aceitável quando a classificação do pesquisador e dos juízes atinge um índice de concordância mínimo de 70%.

Parece que a realização da entrevista é fácil, simples e acessível a todo pesquisador, principalmente aos principiantes. No entanto, como afirmou Duarte (2004), este método requer planejamento, preparo teórico e habilidade técnica no momento da coleta, da transcrição e da análise dos dados.

Mesmo seguindo todos esses passos, nem sempre será possível coletar dados apenas com o uso de entrevistas. Para avaliar as habilidades, os comportamentos e as relações entre indivíduos e ambiente é preciso ver. Mas como? A observação e a videogravação (filmagem) são métodos que podem auxiliar na visualização acurada dos dados e facilitar o olhar do pesquisador.

O uso de observação e videogravação

Observar é um processo e possui partes para seu desenrolar: o objeto observado, o sujeito, as condições, os meios e o sistema de conhecimentos, a partir dos quais se formula o objetivo da observação (BARTON; ASCIONE, 1984).

As condições de observação são circunstâncias através das quais esta se realiza, ou seja, é o contexto natural ou artificial no qual o fenômeno social se manifesta ou se reproduz. Por sua vez, o sistema de conhecimento é o corpo de conceitos, categorias e fundamentos teóricos que embasa a pesquisa (REYNA, 1997).

Durante a observação são registrados dados visíveis e de interesse da pesquisa. As anotações podem ser feitas por meio de registro cursivo (contínuo), uso de palavras-chaves, *check list* e códigos, que são transcritos posteriormente (DANNA; MATOS, 2006).

Uma observação controlada e sistemática se torna um instrumento fidedigno de investigação científica. Ela se concretiza com um planejamento correto do trabalho e preparação prévia do pesquisador/observador (LÜDKE, 1986).

Diz-se que uma observação é fidedigna quando o observador é preciso e seus registros são confiáveis. Não basta apenas colocar-se

próximo ao objeto de estudo e olhá-lo. Deve-se olhar e registrar. Muitas vezes é preciso mais de uma pessoa para observar e registrar ao mesmo tempo, devendo haver concordância entre os registros. Como prova de fidedignidade, as anotações são comparadas entre o tempo, tamanho e tipo de anotação feita por cada um (BATISTA, 1977; BATISTA; MATOS, 1984).

A evolução dos recursos tecnológicos permitiu uma melhoria no processo de observação. Os pesquisadores aprofundaram a coletada de dados de suas pesquisas por meio da videogravação. A filmagem passou a captar sons e imagens que reduzem muitos aspectos que podem interferir na fidedignidade da coleta dos dados observados (PINHEIRO, KAKEHASHI, ANGELO, 2005).

O filme é uma seqüência de imagens paradas que, apresentadas a uma velocidade rápida, causam a impressão de movimento contínuo. O recurso da imagem em movimento é produzido mediante o aproveitamento da limitação de velocidade do olho humano para perceber alterações de imagens (TAROUCO et al., 2003).

A imagem vem sendo há muito tempo uma ferramenta para registrar o movimento, ou seja, as ações e comportamentos (REYNA, 1997; HEIVEIL, 1984). Torna-se, assim, um instrumento para captar o objeto de estudo, pois reduz questões da seletividade do pesquisador e configura a reprodutividade e estabilidade do estudo (SCAPPATICCI; IACOPONI, BLAY, 2004).

A principal vantagem deste método é que outros pesquisadores ou colaboradores (juizes) também podem fazer uso do material coletado. Torna-se possível analisar todo o material de pesquisa e manter a neutralidade dos dados. Sendo assim, o uso do vídeo permite um certo grau de exatidão na coleta de informações, uma comprovação frente aos tradicionais questionamentos da subjetividade da pesquisa qualitativa (KENSKI, 2003).

Fazendo um paralelo com a técnica de observação ao vivo, verifica-se que quando se observa algo pela primeira vez, inicialmente são retidos os aspectos mais impressionantes do observado. Se o comportamento não for visto outras vezes, pontos mais detalhados poderão passar despercebidos. Com o uso do vídeo há um exame aprofundado do processo analisado, pois ele permite ver quantas vezes forem necessárias (REYNA, 1997), o que não acontece somente com a observação.

Ao se examinar e interpretar os dados repetidas vezes o pesquisador descobre novas interrogantes, novos caminhos a serem trilhados. Não é só ver os fatos e gestos da prática filmada, mas sublinhar a imagem, analisar com o cenário, com o ambiente de pesquisa e com o referencial teórico.

Com a filmagem pode-se reproduzir a fluência do processo pesquisado, ver aspectos do que foi ensinado e apreendido, observar pontos que muitas vezes não são percebidos. O vídeo também permite a ampliação, a transformação das qualidades, das características e particularidades do objeto observado. A imagem oferece à prática de observação e descrição, um suporte a mais, um novo olhar (MAUAD, 2004).

O uso da videogravação revolucionou as práticas diárias das pessoas e permitiu que os avanços fossem incorporados também às ações educativas (MAUAD, 2004; KENSKI, 2003; FLORES, 2004).

Segundo Lèvy (2003) a aprendizagem estava muito centrada nas técnicas orais e escritas e na aquisição e repetição de informações. Deixava-se de lado o desenvolvimento das habilidades intelectuais que eram relevantes para a formação do cidadão (CHANG; SEMERIA, 1998). Assim, por meio da observação e filmagem, o educando passou a manifestar seus comportamentos, suas habilidades e a aprender de forma interativa (ABRAMOWICS, 1990).

A educação superior deve encorajar os alunos a se tornarem aprendizes independentes. Cada vez mais o crescimento da tecnologia força mudanças radicais nestes sujeitos, os conduzindo a viver em perfeita harmonia com o mundo (SMITH, 1992; GODOY, 1995; VALLANCE, 1995; OECD, 2000; ARMITAGE, 2002).

Para utilizar as tecnologias de vídeo na pesquisa e na educação, no entanto, é necessário preparo. Escolher o ambiente de acordo com a estrutura física, verificar se o local comporta a instalação da filmadora, a disposição dos móveis, a iluminação e o fluxo de pessoas. Além disso, é preciso criar um clima adequado para a coleta de dados, permitindo que o sujeito da pesquisa participe e expresse suas opiniões (LANDER, 2000).

A realização de um teste antes do início da coleta ajuda a calcular a angulação do equipamento e a avaliar o tempo de filmagem para cada fita. Caso seja necessário, confeccionar suporte para a filmadora, fixando-a em parede, ou usar tripé específico ao equipamento.

Normalmente as filmadoras possuem um dispositivo que permite a filmagem em modo mais lento, o que a mantém por um período maior. Se a filmagem for por período longo, preparar a filmadora para uso da energia elétrica, e não bateria, o que permite maior confiança. Mesmo assim, durante toda a filmagem deve-se conferir o funcionamento da máquina.

Além de pedir autorização à chefia do local escolhido, é preciso identificar o setor filmado com cartazes indicadores da presença do equipamento e explicar detalhadamente aos participantes o processo de coleta. Só poderão ser filmados aqueles que assinarem o termo de consentimento voluntário. Para manter o anonimato dos participantes, o pesquisador pode fazer uso de programas de computação que impedem o reconhecimento da pessoa filmada.

Questiona-se se a presença da filmadora pode interferir no comportamento dos participantes. Autores como Heacock, Souder e Chastain (1996) esclarecem que o comportamento pode se modificar, mas apenas por um curto período de tempo, apontando que após poucos minutos os participantes irão se acostumar com o equipamento e voltarão a apresentar seu comportamento usual.

As imagens filmadas resultarão em informações que darão base para o texto escrito. Das cenas de maior importância podem ser feitas fotos que ilustrarão outros dados na pesquisa. Falas e ruídos também poderão ser selecionados, mensurados e discutidos.

O pesquisador tem a possibilidade de colocar o observado para analisar os dados registrados. Nesta análise o participante poderá ver as imagens filmadas, os recortes (fotos), os comportamentos verbais, os comportamentos não-verbais, as situações e os aspectos ambientais. Esta estratégia faz da pessoa observada um participante ativo e reforça a reflexão por parte do sujeito do estudo.

O filme pode ser visto muitas vezes e o material analisado até que não se visualize novas descobertas e pontos intrigantes. Realizar a edição das imagens obtidas e selecionar aquelas que melhor seguem os critérios pré-estabelecidos (LOIZOS, 2002). Além disso, discutir as imagens e descrever as análises, formulando-se perguntas e respostas concernentes ao material observado e aos objetivos traçados (REYNA, 1997).

A Análise do Discurso, a Fenomenologia, a Etnografia e a Teoria Fundamentada nos Dados são ferramentas que podem discutir as

informações obtidas com os sons e as imagens derivadas da filmagem (PINHEIRO; KAKEHASHI; ANGELO, 2005)

A decomposição das imagens e dos sons, assim como o mapeamento dos diferentes comportamentos, das expressões e das ações dos participantes abrem um leque de possibilidades para a pesquisa e para o espírito investigador do educador, o que parecem ser ocultas na prática individualizada da entrevista e da observação a olho nu (CIAVATTA; ALVES, 2004; CHIOZZI, 1989).

Segundo Dessen e Borges (1998), a utilização de mais de um recurso permite o desenvolvimento de pesquisas estruturadas, uma coleta de dados mais abrangente, favorecendo a compreensão do fenômeno estudado e, conseqüentemente, uma maior diversidade e riqueza de informações.

Conclusão

São muitos os métodos utilizados para a coleta de dados em pesquisas qualitativas.

O uso de entrevistas é uma das opções mais freqüentes e apresenta inúmeros caminhos e cuidados, devendo ser reconhecido como um método de qualidade para a coleta de dados. Entretanto, abordar mais de um recurso permite novos caminhos, reforçando aspectos qualitativos da pesquisa sem perder a fidedignidade.

O mundo atual é tecnológico. Faz parte do cotidiano das pessoas o uso de equipamentos, como o telefone, a TV, o microcomputador. Esses alteram a forma de viver, de olhar e de aprender nos dias atuais. Muitos pesquisadores ainda possuem uma certa recusa em aceitar a inovação tecnológica, mas deve-se buscar vencer estes mitos, como no uso de câmaras de vídeo para a coleta de dados, equipamento tão presente no dia a dia dos indivíduos.

Como em poucos outros métodos de coleta de dados, a filmagem permite que um participante possa rever posteriormente suas ações e comportamentos, refletindo sobre seus conceitos por meio da análise de sua prática.

Todo pesquisador deve sempre considerar o valor de inovar, de procurar e adequar novas estratégias de pesquisa de campo, não se atendo a textos escritos na busca por respostas. Dependendo do tipo de método utilizado na coleta haverá meios de reflexão diferentes.

Muitos ainda se perguntam: como a tecnologia pode ser inserida na prática do pesquisador? Ela pode ser inserida na realização de estudos, provocando interrogações sobre a própria atividade de pesquisa, abrindo caminhos para novas perguntas e ampliando o foco do pesquisador.

REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, M. Avaliação da aprendizagem: como trabalhadores-estudantes de uma faculdade particular noturna vêem o processo – em busca de um caminho. Tese (Doutorado em Educação). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; 1990.

ARMITAGE, J. Resisting the neoliberal discourse of technology. **Ctheory**. Disponível em: <http://www.ctheory.com/a68.html.set>, 2002.p.1-2. Acesso em: 17 de outubro de 2005.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

BARTON, E. J.; ASCIONE, F.R. Direct observation. In: OLLENDICK, T. H.; HERSEN, M. **Child behavioral assessment: principles and procedures**. New York: Pergamon Press, 1984. p. 166-194.

BATISTA, C. G. Concordância e fidedignidade na observação. **Psicologia**, v. 3, n. 2, p. 39-49, 1977.

BATISTA, C. G.; MATOS, M. A. O acordo entre observadores em situação de registro cursivo: definições e medidas. **Psicologia**, v. 10, n. 3, p. 57-69, 1984.

BICUDO, F.A entrevista- testemunho: quando o diálogo é possível. **Revista Caros Amigos**. Disponível em: <http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos.asp?cod=333DACOO1>. Acesso em 17 de mar. 2006.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas em seres humanos: resolução n. 196 de 10 de outubro de 1996. **O Mundo da Saúde**, v. 21, n. 1, p. 52-61, 1997.

CHANG, K.; SEMERIA, C. **Standards for multimedia applications on converging networks**. Disponível em: <http://www.summitonline.com/tech-trends/papers/3com2.html>. Acesso em 27 de jan. 2000.

CHIOZZI, P. **Reflections on ethnographic film a with a general bibliography**. **Anthropology Visual**, 1989.

CIAVATTA, M.; ALVES, N. **A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação**. São Paulo: Cortez; 2004.

- COZBY, P. C. Ética em pesquisa. In: _____. **Métodos de pesquisa em ciências do comportamento**. São Paulo: Atlas, 2003. p. 51-79.
- DANNA, M. F.; MATOS, M. A. **Aprendendo a observar**. São Paulo: Edicon, 2006.
- DESSEN, M. A. C.; BORGES, L. M. Estratégias de observação do comportamento em Psicologia do Desenvolvimento.. In: ROMANELLI, G.; BIASOLI-ALVES, Z. M. **Diálogos Metodológicos sobre prática de pesquisa**. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1998. p. 31- 49.
- DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 24, p. 213-225, 2004.
- FAGUNDES, A. J. S. M. **Descrição, definição e registro do comportamento**. São Paulo: Edicon, 1999.
- FALCÃO, T. R.; TÊNIES, J. Sobre os métodos quantitativos na pesquisa em ciências humanas: riscos e benefícios para o pesquisador. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v. 81, n. 198, p. 229-243, 2000.
- FISCHMAN, G. E. Reflexões sobre imagens, cultura visual e pesquisa educativa. In: CIAVATTA, M.; ALVES, N. **A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação**. São Paulo: Cortez; 2004. p. 109-125.
- FLORES, L. G. Situando a leitura das imagens fotográficas na pluralidade da vida social. In: CIAVATTA, M.; ALVES, N. **A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação**. São Paulo: Cortez; 2004. p.7-15.
- FUJISAWA, D. S. **Utilização de jogos e brincadeiras como recurso no atendimento fisioterapêutico de criança**: implicações na formação do fisioterapeuta. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação)- Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2000.
- GODOY, A. S. Avaliação da aprendizagem no ensino superior: estado da arte. **Didática**, São Paulo, v. 30, p. 9-25, 1995.
- HEACOCK, P.; SOUDER, E.; CHASTAIN, J. Subjects, data and videotapes. **Nursing**, v. 45, n. 6, p. 336-338, 1996.
- HEIVEIL, I. **Videoterapia**: o uso do vídeo na psicoterapia. São Paulo: Summus, 1984.
- HOSSNE, W. S. O CEP, o pesquisador e o relator. **Cadernos de Ética em Pesquisa**, Brasília, v. 2, n. 2, p. 5-6, 1999.
- KENSKI, V. M. Aprendizagem mediada pela tecnologia. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 4, n. 10, p. 47-56, 2003.
- LAGE, N. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- LANDER, E. S. **Art and science**. New York Times, 2000.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 2003.

LOIZOS, P. Vídeo, filme e fotografias como documento de pesquisa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002. p. 137-55.

LÜDKE, M. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MAGNANI, J. G. C. Discurso e representação, ou de como os Baloma de Kiriwina podem reencarnar-se nas atuais pesquisas. In: CARDOSOS, R. **A aventura antropológica**: teoria e pesquisa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p. 127-140.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. **Didática**, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1991.

MANZINI, E. J. **Entrevista**: definição e classificação. Marília: Unesp, 2004. 4 transparência. P&b, 39 cm x 15 cm.

MAUAD, A. M. Fotografia e história: possibilidades de análise. In: CIAVATTA, M.; ALVES, N. **A leitura de imagens na pesquisa social**: história, comunicação e educação. São Paulo: Cortez; 2004. p. 136.

OECD. **What works in innovation in education motivating students for lifelong learning**. Paris, 2000.

OLIVEIRA, E.; ENS, R. T.; ANDRADE, D. B. S. F.; MUSSIS, C. R. Análise de conteúdo e pesquisa na área da educação. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 4, n. 9, p. 11-27, 2003.

PATTON, M. Q. **Qualitative Evaluation and Research Methods**. London: SAGE; 1990.

PINHEIRO, E. M.; KAKEHASHI, T. Y.; ANGELO, M. O uso de filmagem em pesquisas qualitativas. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 13, n. 5, p. 717-722, 2005.

PRETTI, D.; URBANO, H. **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo**. São Paulo: Quero, 1988.

REA, L. M.; PARKER, R. A. Desenvolvendo perguntas para pesquisas. In: _____. **Metodologia de pesquisa**: do planejamento à execução. São Paulo: Pioneira, 2000. p. 57-75.

REYNA, C. P. **Vídeo e pesquisa antropológica**: encontros e desencontros. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação. 1997. Disponível em:<<http://www.bocc.ubi.pt>> Acesso em 20 de outubro de 2005.

ROJAS, J. E. A. O indivisível e o divisível na história oral. In: MARTINELLI, M. L. **Pesquisa qualitativa**: um instigante desafio. São Paulo: Veras, 1999. p. 87-94.

SCAPPATICCI, A . L. S. S.; IACOPONI, E.; BLAY, S. L. Estudo de fidedignidade inter-avaliadores de uma escala para avaliação da interação mãe-bebê. **Revista de Psiquiatria**, v. 26, n. 1, p. 39-46, 2004.

SCHRAIBER, L. B. Pesquisa qualitativa em saúde: reflexões metodológicas do relato oral e produção de narrativas em estudo sobre a profissão médica. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 63-74, 1995.

SMITH, D.L. Validity of faculty judgments of student performance. **Journal of Higher Education**, v. 63, n. 3, p. 329-340, 1992.

TAROUÇO, L. M. R. et al. **Videoconferências**: rede nacional de pesquisa (RNP), grupo de trabalho, aplicações educacionais em rede. 2003. Disponível em: <<http://penta3.ufrgs.br/RNP/videoconferencia.pdf>>. Acesso em 15 de fev. 2006.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em Educação. São Paulo: Atlas; 1987.

VALLANCE, E. The public curriculum of ordely images. **Educational Researcher**, v. 24, n. 2, p. 4-14, 1995.

Renata Aparecida Belei é enfermeira do hospital universitário da UEL; mestre e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".
E-mail: rabelei@yahoo.com.br

Sandra Regina Gimenez-Paschoal é psicóloga; mestre e doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo; docente do Departamento de Fonoaudiologia e do Curso de Pós Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

Edinalva Neves Nascimento é fonoaudióloga; mestre e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".
E-mail: ediquata@flash.tv.br

Patrícia Helena Vivan Ribeiro Matsumoto é enfermeira do Centro Odontológico da UEL e mestre em Enfermagem pela Universidade de São Paulo.

Submetido em: junho de 2006 | Aceito em: agosto de 2006.